



DOENÇA NO CORPO, DOENÇA DA ALMA: a possibilidade de cura da doença mortal em Kierkegaard e Zhen Jiu

Jorge Miranda de Almeida¹

RESUMO: O artigo pretende problematizar a questão da doença como resultado de processos individuais e sociais, fruto das relações mal estabelecidas entre o indivíduo e o si mesmo e o indivíduo e os grupos sociais, culturais, simbólicos, afetivos, econômicos e afins ao qual está inserido a partir da tese estabelecida por Kierkegaard na obra *O Conceito de Angústia* (2010, p.30)) onde afirma que o indivíduo é ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano. A edificação do si mesmo é oferecida como uma tarefa, realizá-la ou não é da responsabilidade (ou não) do indivíduo. Confrontar essa tese com uma abordagem oriental a partir da concepção da Medicina Tradicional Chinesa, especialmente em Zhen Jiu é uma rica e inovadora proposta de pensar o homem em processo de construção ou em dissolução do si mesmo. Os dois pensadores separados por culturas completamente diferentes, códigos linguísticos, religiosos e filosóficos, têm como fundamento a mesma concepção, a origem da doença mortal, da doença *para* à morte, da doença *até* a morte reside na forma como o indivíduo elabora a si mesmo, ou na pior forma de doença, que é o desespero de não ter coragem de empreender a tarefa.

Palavras-Chave: Kierkegaard, Zhen Jiu, Doença, Edificação, Tarefa

ABSTRACT: The article intends to problematize the issue of disease as a result of individual and social processes, the result of poorly established relationships between the individual and himself and the individual and the social, cultural, symbolic, affective, economic and similar groups to which he is inserted from the thesis established by Kierkegaard in the work *The Concept of Anguish* (2010, p.30)) where he states that the individual is at the same time himself and the whole human race. Building oneself is offered as a task, whether or not to carry it out is up to (or not) the individual. Confronting this thesis with an eastern approach based on the conception of Traditional Chinese Medicine, especially in Zhen Jiu, is a rich and innovative proposal to think of man in the process of construction or dissolution of himself. The two thinkers separated by completely different cultures, linguistic, religious and philosophical codes, are based on the same conception, the origin of mortal illness, from illness to death, from illness to death lies in the way the individual elaborates himself, or in the worst form of illness, which is the despair of not having the courage to undertake the task.

Keywords: Kierkegaard, Zhen Jiu, Disease, Edification, Task

¹ Professor Titular DFCH. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq, Memória, subjetividade e subjetivação no pensamento contemporâneo. E-mail: mirandajma@gmail.com



INTRODUÇÃO

O nosso tempo é o tempo do desespero, escreve Kierkegaard em seu *Diário* (D 119). Ousaria dizer que o nosso tempo é o tempo da doença, de adoecimentos, da indústria da doença e do comércio imoral da doença. Fabrica-se doenças, mantém doentes crônicos dependentes e lucra-se com medicamentos e tratamentos infundáveis que mantêm a vinculação dos indivíduos girando em torno de um eu abstrato e se comportando como um infundável número a mais no rebanho. Nos últimos meses constatamos diariamente os rebanhos, as manadas, os fanáticos zumbis desprovidos de qualquer dose de consciência do que é tornar-se um si mesmo, do que é constituir-se enquanto singularidade, conforme Kierkegaard descreve na obra *A Doença Mortal* e que encerra este artigo. Em poucos momentos da trajetória da humanidade, recortando o Brasil, pode se constatar o fenômeno da massificação das massas como uma realidade tão concreta como nos cenários produzidos entre 2021 e 2023.

A partir da minha experiência pessoal entre a Filosofia da existência e As Práticas de Terapias Integrativas, (PIC's) passando por acompanhamento e orientações em Acupuntura, Florais de Bach, Cromoterapia, Fitoterapias, Ventosa, Geoterapia, Homeopatia entre outras terapias holísticas, tenho estudado e debatido sobre a relação entre as emoções e os estados de adoecimentos ente o indivíduo e o si mesmo e entre o indivíduo e o grupo social onde está inserido. Existe uma farta literatura relacionando afetos psicológicos e emocionais com as somatizações como doenças no corpo humano.

Após o advento da Psicanálise e suas irmãs como Psicologia, Psicopatologia, Psiquiatria e outros ramos, tornou-se comum estabelecer essa analogia, mas é possível com embasamento da Medicina Tradicional Chinesa, ir mais longe e afirmar que praticamente todas os estados de adoecimentos tem sua origem em desequilíbrios psicoemocionais. De maneira simplificada, se o organismo humano que é tudo que constitui a pessoa em sua singularidade está em harmonia ou em equilíbrio, a sua imunidade está alta e se defende de



ataques que causam esses estados. Porém, se a pessoa está em desequilíbrio ou em desarmonia, ela fica com a imunidade baixa e facilmente os *inimigos* causam os adoecimentos se materializam no organismo. Segundo a obra *Zang Fu – Sistemas de órgãos e vísceras da Medicina Tradicional Chinesa*, o raciocínio apresentado e que irei desenvolver no texto é coerente, porque “Na MTD² - Medicina Tradicional Chinesa, a concepção do *Yin* e de *Yang* são a base da fisiologia, da patologia e do diagnóstico diferencial. Todos os fatores podem ser vistos em termos da desarmonia fundamental de *Yin* e de *Yang*”. (ROSS, 1994, p. 46). Portanto, o objetivo principal é relacionar essa concepção de desarmonia com o entendimento de desequilíbrio ou impotência ou ainda desarmonia proposto por Kierkegaard.

Para que esse escopo seja alcançado farei uma distinção fundamental entre o que compreendo por vida e por existência que é diferente do que normalmente se encontra na literatura filosófica e médica. Por vida, entende-se um organismo vivo, dessa forma, uma planta, um vegetal, um animal é um ser vivo, o homem também é um ser vivo, porém, ele constrói a existência quando desenvolve no interior da sua vida o que o diferencia dos demais seres humanos. A sua singularidade, a sua subjetividade. De forma que nem todos os homens que estão vivos, existem. A existência da qual abordo não é uma concepção da lógica que a transforma numa definição conceitual e, por isso, muitos pensadores colocam a vida acima do existir. Consoante Kierkegaard, “[...] se há de construir um sistema lógico, deve-se aí prestar atenção especialmente a que nada se admita do que está submetido à dialética da existência, portanto, algo que só é ao existir ou por ter existido, e que não é por ser” (2013, p. 113). Em termos muito simples, um repolho é um ser vivo como uma borboleta e o homem, contudo, o homem é o único que pode tornar-se um ser existente, quando deixa de ser o “eu dado por Deus” para tornar-se mediante a aceitação da tarefa, o si mesmo, como uma obra de arte.?

² MTD – Medicina Tradicional Chinesa. A partir de agora, utilizo apenas a sigla



DOENÇA E ADOECIMENTO. DEFICIÊNCIA E EXCESSO. DOMÍNIO DE SI COMO CURA DE SI

Qual é o processo que conduz a doença? Quais as diferenças entre doença e adoecimento? Qual o principal sintoma do desespero ou da angústia e como ela se materializa em doença física? De que forma o vazio existencial se somatiza (ou não) em formas de depressão e síndrome do pânico por exemplo? Por que o aumento absurdo de casos de automutilação nos adolescentes e jovens no Brasil? Por que acontecimentos em que messias fanáticos, transvestidos de messias adquirem centenas de milhares de adeptos também fanáticos em poucas semanas? A falta de caráter pode conduzir a doenças crônicas? O caráter tem a capacidade de curar? O remédio ou o veneno está em nosso poder mais do que podemos imaginar.

Se aceitarmos como premissa a tese central da MTD de que o excesso ou a deficiência tem a capacidade de produzir a harmonia ou a desarmonia e suas consequências no organismo humano, é possível afirmar que a falta de domínio sobre si mesmo, conduz aos vários tipos de desequilíbrios e excessos. Nos estudos de mais de trinta e cinco anos sobre a obra de Kierkegaard, em suas várias ondulações, penso que o que poderia ligar os pontos aparentemente tão desconexos é o esforço do pensador dinamarquês em propor ao leitor que é possível encontrar a harmonia entre o dom e a tarefa, entre o eu e o si mesmo, mais não sem o tremendo esforço na realização da tarefa. Uma leitura atenta da obra *O livro de acupuntura do Imperador Amarelo* evidencia também que a origem de todas as doenças além do desequilíbrio entre o *Yin* e o *Yang* reside na falta de moderação e de boa conduta. Como está explicitamente exposto, a boa conduta é o alicerce da vida longa. O que é a boa conduta? Senão a retidão e o bom caráter?



[...] A vida tem o número cinco: a exalação tem o número três. Se as pessoas procedem contrariamente a esses fatores, influências nocivas prejudicarão a espécie humana. A boa conduta, neste sentido, é o alicerce da longa vida. Assim como a exalação do céu azul é calma, assim a vontade e o coração dos puros conhecerão a paz e a exalação do Yang será estável naqueles que se mantiverem de harmonia com a Natureza. Mesmo que existam espíritos nocivos, não poderão molestar os que obedecerem às leis das estações. Portanto, os sábios preservaram o espírito natural e mantiveram-se de harmonia com a exalação do Céu, ficando assim em comunicação direta com o Céu (ZHEN JIU, p. 8)

Nesse mesmo sentido, apesar de existir em uma outra cultura, Filon de Alexandria na obra *Tratado da Vida contemplativa* afirma que os terapeutas se retiravam para um lugar apaziguado e tranquilo onde poderiam tratar e curar-se “das doenças provocadas por prazeres, desejos, desgostos, temores, cobiças, estultices, injustiças e a profusão infinita de paixões” (FILON DE ALEXANDRIA apud FOUCAULT, 2010, p. 105). Em todo o percurso da Filosofia Grega até os nossos dias, o que pauta a conduta ética é a virtude do autodomínio, do equilíbrio ou da moderação, e para atingir esse estágio de controlar os próprios impulsos e inclinações é necessário um longo aprendizado. O autodomínio na cultura grega está em sintonia com o que encontramos na obra *O livro de acupuntura do Imperador Amarelo*, quando ele prescreve que o *Tao* – o caminho certo, é a regra de ouro para quem quer ter uma vida longa e saudável, como pode ser apreciado na citação abaixo.

[...] Os que se rebelaram contra as regras básicas do Universo cortam as próprias raízes e destroem a sua verdadeira personalidade. O Yin e o Yang - os dois princípios da Natureza - e as quatro estações são o princípio e o fim de tudo e são igualmente a causa da vida e da morte. Os que desobedecem às leis do Universo dão origem a calamidades e provações, enquanto os que respeitam as leis do Universo permanecem isentos de doenças perigosas, pois a eles foi concedido o Tao, o Caminho Certo. (ZHEN JIU, p. 7) ³

³http://www.centrobrasileiro.com.br/biblioteca/13/data/O_Livro_De_Acupuntura_Do_Imperador_Amarelo.pdf



Do exposto é possível considerar com prudência e estabelecer uma boa reflexão que o estado de doença e de adoecimento tem como consequência a desarmonia provocada pelo excesso de extravagância no beber, no comer, na libido, no trabalho, na calma. O que se esconde por trás dessas ações? O medo, a covardia, a superficialidade? É preciso a tensão necessária para manter-se alinhado consigo mesmo, com o próximo e com o meio em que está inserido. O *Yin* e o *Yang* evidenciam bem essa tensão, não são dualismos e opostos, mas complementares e em constante movimento, o máximo de um contém a presença do outro, pois um não existe sem o outro.

Kierkegaard, entende o ser humano como uma possibilidade de construir a existência no interior da vida biológica, estabelece que a doença de todas as doenças reside na falta de caráter que é uma negação do projeto oferecido pelo criador a criatura. Isto é, o medo, o comodismo, a falsa e a farsa de levar tudo segundo o jogo das aparências e das conveniências sociais e do momento, reduz o homem a tornar-se um fantoche de si mesmo. Por isso se angustia, por isso se desespera e por isso adoce. Diz o pensador, conheço bem, diz o pensador de *A Doença Mortal* “conheço muito bem o defeito de nossa época, o seu ser sem caráter, tudo até um certo ponto” (KIERKEGAARD, 2001, p. 72). O até um certo ponto dimensiona a mesquinha, o egoísmo, o interesse próprio e a negação do fundamental que é tornar-se como ser de relação. A doença do corpo é o isolamento em si e várias situações em na obra de 1849, *A Doença Mortal* evidenciam essa moléstia. A doença na alma é causa e consequência da falta de coragem e do esforço em constituir-se a si mesmo, resultando em dor, formas de dor, sintomas de dor, dor na alma que sufoca a existência em um exílio mortal, contudo não se trata de morte física, o que seria um alívio, mas não se pode morrer quando já está morto. No número 4 de *O Instante* (escrito e publicado entre 24 de maio de 1855 a 01 de outubro de 1855) é realizada uma descrição do estado de doença, doente e adoecimentos que demonstram como se adoce ao não cuidar do que é fundamental. Atentemos para a descrição:



Imagina um hospital. Os pacientes morrem como moscas. Os métodos são trocados de uma ou de outra maneira: de nada adianta. Onde pode estar o problema? Está no edifício, todo o edifício está envenenado; embora o óbito dos pacientes seja atribuído o de um a esta enfermidade, o de outro àquela, a rigor não é verdade; pois eles todos estão mortos por causa do veneno que há no edifício. (2019, pp 291-292)

O hospital, o edifício, o veneno, a doença, a morte. Morre-se como moscas. Morre-se em massa, não há dignidade nem em morrer, pois a morte deveria ser uma experiência singular, mas, como havia dito, para morrer é preciso estar vivo. Qual é a causa da morte? O veneno. De qual veneno Kierkegaard está se referindo? A questão é o veneno. No número 6, temos pistas. 1- a nossa época está profundamente marcada por um indiferentismo profundo, o mais funesto, o mais perigoso. 2- Essa época é apática, débil, tépido. 3- Essa época é uma fantástica miragem, uma mascarada, uma palhaçada, rica em todos os tipos de alucinação. (p.186). O veneno é a apatia ou a indiferença perante a tarefa existencial de 1- escolher a si mesmo; 2- edificar a si mesmo; 3- tornar-se um si mesmo na máxima elasticidade da tensão entre si mesmo e o próximo, sem perder a capacidade de abnegar-se e manter-se como tarefa que pede para ser realizada, mas que não será suficientemente realizada, uma vez que o homem enquanto Homem não existe ainda, conforme está exposto em *A Doença Mortal*. Novamente encontramos na obra do *Imperador Amarelo* bela e profunda metáfora do que até o momento foi exposto na obra *A Doença Mortal* e corresponde sobre a maneira desregrada e sem medida com que nós estamos vivendo, quase todos como vegetais, longe da possibilidade de construir uma existência singular.

Hoje em dia, as pessoas não são assim; utilizam o vinho como bebida e adotam a temeridade e a negligência como comportamento habitual. Entram na câmara do amor em estado de embriaguez; as paixões exaurem-lhes as forças vitais; o ardor dos desejos dissipa-lhes a verdadeira essência; não são hábeis na regulação da sua vitalidade. Devotam toda atenção ao divertimento dos seus espíritos, desviando-se assim das alegrias da longa vida. Levantam-



se e deitam-se sem regularidade. Por tais razões só chegam a metade de cem anos e degeneram. (ZHEN JIU, p. 2)

A degeneração da saúde provocada por excessos e por ausência de regularidade, que podemos traduzir também por falta de moderação ou de autodomínio é, segundo Zhen Jiu o que provoca estados de adoecimentos e a falta de vitalidade. Nesse sentido, transforma-se em doença. Logo, a doença é um estado de impotência, de acordo a ponderação estabelecida no vol. II de *O Pós-escrito* (p. 202). Kierkegaard também adverte em outra obra denominada de *As Obras do amor* que a doença é a corrosão. Corrosão *do que* e *de que*? Impotência como apatia, apatia como impotência. Impotência como paralisia. Essa é a questão que parece ser relevante para a compreensão da importância da doença como diagnóstico individual e social de nossa época tão sem caráter, onde tudo é interessante até um certo ponto. O que produz a impotência. O que produz a apatia ou a impotência? Para quem se debruça em mostrar o quão extraordinário tem a possibilidade de tornar-se o homem, a constatação do seu estado de degradação por excesso ou deficiência tem como consequência o estabelecimento de muitas formas de dores. Causa, portanto, muita dor. Dor na alma. A dor na alma produz demência que é a pior de todas as doenças na alma, ela consiste segundo Kierkegaard, na ausência de interioridade. A demência em Kierkegaard não corresponderia ao que Zheng Jiu denomina na citação anterior de estado de embriaguez? Em ambos os autores não se trata da dissipação da verdadeira essência? O que podemos denominar como aproximação da essência? A interioridade que sendo gestada e amadurecida em si mesmo, produz a singularidade, o tornar-se verdadeiramente singular. O contrário, produz a demência que é:

Este tipo de demência é mais inumano do que o outro; a gente estremece ao olhar nos olhos daquele primeiro, para não descobrir a profundidade do seu estado desvairado, mas a gente nem se atreve de modo algum, a olhar para o outro, por medo de descobrir que não tem olhos de verdade, mas olhos de vidro e cabelos de capacho, em suma, ele é um produto artificial. Se a gente topa por acaso com um doente mental desse tipo, cuja doença consiste



justamente em ele não ter uma mente, a gente o escuta com um frio horror (KIERKEGAARD, 2013, p. 207).

Não entrarei em comparações com alguns dos discípulos que retomam a analogia do homem com animais peçonhentos e nojentos. Seguramente nós já ouvimos e lemos sobre o modo como o homem se transforma em barata na *Metamorfose* de Kafka, que estudou e leu Kierkegaard em situações muito particulares, ou a *Náusea* onde Sartre evidencia uma situação de tédio muito próxima da descrita pelo autor dinamarquês nos *diapsalmata*. Camus exposto pela Profa. Hélène no mini curso sobre Camus e Kierkegaard em *A Peste* também narra situações em que o homem se decompõe. Mas, o que afinal provoca ou produz a impotência, o tédio, a apatia? Que tipo de doença? Kierkegaard responde. O tédio é o cansaço, a senilidade, a esterilidade. A descrição do tédio como vazio: “[...] Fico estirado, inerte; a única coisa que vejo é o vazio, a única coisa de que vivo é o vazio, a única coisa em que me movimento é o vazio. Nem sequer sofro dores.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 70). Qual é o movimento produzido no vazio? O estar inerte. Observe que a contradição movimento-vazio não é um sem sentido. Nossa investigação indica que o vazio, a apatia, a passividade, produzem atividade. Qual é essa atividade? A transformação do homem em mosca. Por que o homem se deixa transformar em mosca? Porque lhe foi doado com o dom a vontade, a liberdade, a escolha e a decisão. Quem ama verdadeiramente se retrai para que a criatura possa tornar-se livre ou perder-se na ilusão da liberdade. Escolha!

O deixar tornar-se doente da falta de vida e “o ódio à existência” (p. 377), “uma revolta contra a existência” (p. 378), faz com que o indivíduo se deixe conduzir por uma falsa preocupação que é a fuga de si e uma das mais profundas raízes das doenças, o eu perdido de si, não constrói interioridade, serenidade, paz de espírito, doçura, esperança, alegria; essa estreiteza do eu, perdido não porque se evapore no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero” (p. 352). Novamente, o número, a multidão, como causadores de doenças,



de desequilíbrio, da perda do eu, que vive “a contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número confundido no rebanho” (p. 352)

A causa fundamental do aparecimento e do desenvolvimento das doenças sendo um desequilíbrio *Yin Yang*, qualquer sintoma simples ou complicado, estável ou móvel, poderá ser referido a um sintoma *Yin* ou a um sintoma *Yang*. Na elaboração do diagnóstico, os aspectos *Yin* e *Yang* abrangem todas as outras categorias de sintomas que distinguem o Fora e o Dentro (*Biao Li*), o Frio e o Calor, o Vazio e a Plenitude. O Fora, o Calor e a Plenitude pertencem ao *Yang*, o Dentro, o Frio e o Vazio pertencem ao *Yin*. [...] Para os primeiros autores chineses, o cérebro era tão somente o término, o ponto de encontro de todas as medulas do corpo humano, daí as asseverações: "O Cérebro é o suor das medulas" [*Ling Shu*, cap. 33] e "todas as medulas se ligam ao cérebro" (*Su Wen*, cap. 80). É por isso que na teoria dos *Zang Fu*, a fisiologia e a patologia do cérebro estão incluídas nas dos 5 *Zang*. Assim: O Coração encerra o *Shen* e governa a alegria. O Pulmão encerra o *Po* e governa a tristeza. O Baço encerra o *Yi* e governa a reflexão. O Fígado encerra o *Hun* e governa a raiva. O Rim encerra o *Zhi* e governa o medo. Coração, Fígado e Rim têm maior importância; o Coração, pois encerra o espírito e é mestre dos 5 *Zang* das 5 *Fu*; o Fígado, porque dirige a regulação dos sentimentos; os Rins, pois encerram o *Jing* "base material de tudo" e da medula em particular. (p. 90)

Ora, se a existência é concretizada mediante o esforço extremos, é uma tarefa árdua, se nos contentarmos com a vida vegetativa, a tarefa não é realizada. A doença é a impotência do eu. A impotência do eu também é um campo fértil para a instalação de outras enfermidades mortais como o fascismo, o nazismo e todos os tipos de sistemas totalitários. A professora Hélène foi muito feliz na sua análise, utilizando-se de obras de Camus para nos



dizer que a apatia ou a impotência produz no fim e ao final de contas uma civilização assassina. Logo, há uma atividade na impotência, a resignação produz o que ela quer negar. Nietzsche diria, produz forças. O que Kierkegaard diria? Kierkegaard afirma que o desespero é a discordância interna da síntese, discordância, desequilíbrio, desarmonia. A doença do corpo residiria nessa discordância, se materializando ou somatizando em vários tipos de moléstias como úlceras ou gastrites, problemas na tireoide, tensões, etc. Parece que é de domínio público que uma pessoa em estado de equilíbrio tem a imunidade elevada e o indivíduo em desarmonia vive com imunidade baixa e sujeito a adquirir ou a manifestar várias doenças que estavam latentes. O exemplo do CA (cancêr) é um deles, parece que todos nós temos latentes células desse *mal do século*, porém o que faz com que muitos desenvolvam e outros não, além de predisposição genética e de péssima alimentação (frituras, condimentos industrializados, gorduras saturadas, refrigerantes, etc) é a maneira ou o modo como o indivíduo vive na existência.

O estado mental tem ação imediata na atividade funcional do Qi e do sangue dos órgãos, e por aí uma ação sobre a força ou a fraqueza do *Correto*. No homem de mente sólida "bem em sua pele", a atividade dos órgãos é regular", o Qi e o sangue circulam bem, o *Correto* é abundante e rechassa facilmente o *Perverso*. No homem de mente desorganizada "mal em sua pele", os órgãos não funcionam em harmonia, o Qi e o sangue são freados, o *Correto* é enfraquecido e o *Perverso* penetra facilmente no corpo, provocando doenças. - O meio circunvizinho e os hábitos de vida têm uma influência certa no aparecimento das doenças. Uma vida desregrada ou excessos acarretam perturbações da atividade fisiológica nocivas à integridade do *Correto*. - A alimentação e o treino do corpo têm importância no reforço de estado do *Correto*. Uma alimentação racional, combinada com o treino físico aumentarão o Qi e o sangue, o vigor físico se desenvolverá, as doenças serão raras. Em compensação, a alimentação desregrada, associada a uma vida sedentária, enfraquecerão o *Correto*, sangue e energia circularão mal, a resistência ao *Perverso* será diminuída e as doenças aparecerão. O lugar concedido ao *Correto* na provocação das doenças, nem por isso, suprime a ação importante do Qi *Perverso*, nesse fenômeno. Em certos casos, em epidemias e doenças causadas por um ataque externo, o *Perverso* é mesmo o elemento principal. Nesse ponto de vista, o *Su Wen Yi Pian*, tratando da



prevenção das doenças infecciosas, ensina que é preciso, não somente conservar a força do *Qi Reto* do organismo, como também efetuar um trabalho de prevenção "que evite o *Qi* envenenado. (p. 110)

De que maneira a psicologia favorece a compreensão da doença do corpo que se encontra na doença na alma? E inversamente, de que modo é possível compreender os efeitos da doença na alma no corpo? Kierkegaard adverte que há muitos tipos de doenças, muitas torturas do corpo ou da alma, mágoas, lutos, sofrimentos, aflição, adversidades. A doença provoca uma dor que muitas vezes é desejável a morte como um alento, mas não se pode morrer, exceto quando se está vivo; para o cristão não se pode morrer porque a morte não é o fim, é uma passagem ou uma reconciliação. A questão não é a morte. O fundamental é debruçar-se sobre a doença e como a morte tem a dimensão negativa, mas também a dimensão de encontro com o mistério. O contrário da morte é a imortalidade, para estudar essa categoria, remeto ao capítulo 3 de *O Pós-escrito* intitulado a subjetividade *real*, a subjetividade *ética*, o pensador *subjetivo*, no parágrafo 1, o *existir*; *realidade efetiva*.

Kierkegaard conhece bem os médicos e as moléstias. Ele frequentava os médicos com regularidade. Jaspers no final da obra *Psicopatologia geral* utiliza dessa informação para nos dizer o quanto o pensador dinamarquês ironizava os tratamentos da sua época. No *Pós-escrito* encontra-se uma anedota sobre os limites da medicina, “[...] em Holberg, o médico tirou a vida do paciente com seu remédio – mas também afugentou a febre” (2013, p. 14). Para as doenças instaladas na alma, as terapias precisam ser adequadas. A medicina não pode fazer nada, quanto a consequência do desequilíbrio ou desarmonia da síntese se materializa no corpo. Analisemos a seguinte citação sobre a relação amor-ciúmes-doença extraída da obra *As Obras do Amor*.

[...] O amor espontâneo, imediato, pode transformar-se em si mesmo, ele pode, incendiando-se espontaneamente, transformar-se em ciúme, passar da felicidade máxima para o supremo tormento. Tão perigoso é o ardor do amor imediato, por maior que seja o seu prazer; tão perigoso que este ardor



facilmente pode tornar-se numa doença. O imediato é como o que está fermentando, que justamente por isso é chamado assim: precisamente porque ainda não sofreu nenhuma transformação, e por isso de maneira alguma segregou de si o veneno que, contudo, é justamente o que está ardendo naquilo que está fermentando. Se o amor se inflama a si mesmo com aquele veneno, em vez de segregá-lo, aparece o ciúme, aí, afinal a própria palavra já o diz: ele é um fervor para tornar-se doente, uma doença de zelo. O ciumento não odeia o objeto de amor, longe disso, mas ele se atormenta a si mesmo no fogo do amor que corresponde ao seu, e que deveria purificar, acrisolando, o amor que ele tem. O ciumento acolhe, quase suplicando, cada um dos raios do amor que emana da pessoa amada, mas todos esses raios ele faz convergir sobre seu amor, através da lente do ciúme, e vai queimando lentamente. Por outro lado, o amor que passou pela transformação da eternidade, em se tornando dever, não conhece ciúme; ele não ama apenas como ele é amado, mas ele ama. O ciúme ama assim como é amado; torturado ansiosamente pela idéia de ser ou não amado, ele é igualmente ciumento de seu próprio amor, se por acaso este não seria desproporcional em relação à indiferença do outro; assim como também é ciumento da expressão do amor do outro; ansiosamente torturado pela ocupação consigo mesmo, nem ele ousa confiar totalmente na pessoa amada, nem entregar-se inteiramente, a fim de não dar demais, e por isso constantemente se queima, assim como a gente se queima com algo que não está queimando, senão pelo contato tenso

O ardor pode transformar-se em veneno. Ele está ardendo naquilo que está fermentando. Bem, como se materializa esse ardor, o ardor e o fermento em uma situação concreta? O que produz a mágoa, a vingança, o ressentimento? Não é preciso ser médico para entender o desastre que o ressentimento faz numa pessoa. O ressentimento corrói. A vida da pessoa não tem mais sentido a não ser traçar planos e metas para vingar-se, destruir a outra pessoa, que muitas vezes nem sabe que é o objeto desses males. O ódio e o ciúmes criam uma letargia (2005, p. 54). Tomemos por exemplo a descrição de Margarida, estraida de *Os estádios eróticos imediatos ou o erótico-musical*. Margarida não se relaciona com Fausto, ela se anula para obter nele a sua força vital. Ela está fora dela, uma projeção? Uma transferência? Kierkegaard não faz psicanálise, ele faz experimento. Observe, ouvinte: “[...] eu, que propriamente não sou outra coisa senão a recordação dele” (1990, v. II, p. 109) e “O que eu era? Nada! Argila em suas mãos [...] o que eu era? Uma pobre planta e ele me cultivou,



foi para mim tudo, o meu Deus, o princípio do meu pensamento, o alimento da minha alma” (1990, v. II, p. 190). Assumindo na projeção que faz de si ao amado a anulação de si mesma, ela expressa:

[...] posso esquecê-lo? Mas poderia o córrego, por quanto longe chegue a percorrer, esquecer a sua fonte, esquecer a sua nascente, separar-se? Poderia a flecha, por quanto rápido possa voar esquecer a corda do arco? Poderia a gota da chuva, por quanto longa seja a sua queda, esquecer o céu de onde cai? Certamente deverei dissolver-me! Posso tornar uma outra, poderei renascer de uma mãe que não é a minha mãe? Poderei esquecê-lo? Agora então deverei, por certo deixar de ser (KIERKEGAARD, 1990, v. II, p. 109)

Nessa personagem há ausência de condições fundamentais que qualificam a subjetividade como por exemplo: interioridade que faz com que o ser humano se torne um humano integral existente (1993, p. 449); verdade existencial, pois ao colocar o seu ser fora de si, isto é, em Fausto, ela não ousa concretizar-se a si mesmo como subjetividade e como verdade, pois a tese cantada por Kierkegaard é que “a subjetividade é a verdade.” (1993, p. 448). Negar-se, anular-se, entediar-se, consequências do desespero em não querer tornar-se um si mesmo e que são doenças na alma que adoecem o corpo. Dona Elvira também é um ser perdido após a partida de Don Giovanni, como ela mesma expressa “estou perdida [...] mim mesma...mim mesma...o que é exatamente esse mim mesmo?” (1990, v. II, p. 96) No amor e no ódio que sente por seu amado ela se alimenta e se consome. Ela está nos cumes do desespero e por isso não é capaz de existir no interior da realidade pois “a única realidade que há para um existente é sua própria [realidade] ética; sobre todas as outras realidades, ele só possui um saber, mas o verdadeiro saber é um transpor para a possibilidade” (1993, p. 432), isto porque conforme desenvolvimento no capítulo terceiro da segunda parte “a subjetividade real não é a que [apenas] sabe, pois, com o saber, ela está no terreno da possibilidade, mas sim a subjetividade eticamente existente. Um pensador abstrato decerto está aí, mas o fato de ele existir é antes uma espécie de sátira sobre ele”. (1993, p. 432). Qual seria a atitude ética de D. Elvira e que faria com que ela construísse a própria subjetividade



a partir do princípio de contradição em que o si próprio não cria a si mesmo quando escolhe a si mesmo como é analisado em *Enten-eller* na parte denominada *O equilíbrio entre o estético e o ético na elaboração da personalidade?* (1989, v, V, p. 95).

Por isso o desenvolvimento de *A Doença Mortal* a questão da discordância da síntese é tantas vezes usada. Discordância significa que o si mesmo não está em equilíbrio consigo e com o outro, ou para utilizar uma *forma* muito utilizada nesses dias desse I Encontro Internacional em Vitória da Conquista, BA; o si mesmo não está em sintonia consigo mesmo, com o primeiro tu e/ou com o segundo tu, não ocorre a reduplicação, ele está quebrado da sua estrutura original. No capítulo II da primeira parte de *A Doença Mortal* intitulado *A Universalidade do desespero*, o autor dedica páginas preciosas a dialética da saúde e da doença. Em primeiro lugar, a descrição da saúde e da doença no plano do imediato, isto é, do meramente humano, tenho uma doença, vou ao médico, uso os medicamentos indicados e fico bom. Fico bom, daquela doença; mas fico curado? Existe algum medicamento alopático em qualquer lugar do mundo que cura? Ou se mantém sob controle e dependente de remédios para o diabetes, a pressão arterial, o câncer, a aids, o colesterol etc. O que cura é o medicamento ou a mudança de hábitos e estilos de vida?

Onde reside a cura? Na recuperação da estrutura original da síntese. Cito Kierkegaard “a nossa estrutura original está com efeito sempre disposta como um eu que deve tornar-se ele próprio [...] essa originalidade na qual somos nós para nós próprios” (KIERKEGAARD, 1974, p. 352). No capítulo II intitulado *O desespero visto sob a categoria da consciência*, novamente encontramos a questão da estrutura original, quando ele escreve “todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual, essa é a nossa estrutura” (p. 359). A cura está na retomada do destino espiritual do homem. Onde encontrar ou localizar ou procurar esse destino espiritual? No interior de si mesmo. É no interior que o absoluto habita. Faz morada. Nos Discursos Edificantes de 1843, *o fortalecimento do homem interior* fica bastante evidente que a interioridade não é fuga do mundo, mas uma inserção radical no



mundo mediante a relação de amor com Deus e com o próximo. Essa mediação que não pode ser confundida com a mediação hegeliana é o testemunho. Cito Kierkegaard.

Quem ama a Deus é fortalecido em seu homem interior, e quem ama os outros, e apenas por meio desse amor aprendeu, por assim dizer a amar a Deus, tivera apenas uma imperfeita educação; mas quem amou a Deus e neste amor aprendeu a amar os outros foi fortalecido em seu homem interior. (2000, p. 84)

Em *As Obras do Amor*, temos a interioridade na perspectiva do meramente humano e a interioridade no sentido do crístico.

Ora, qual é a interioridade exigida? A concepção meramente humana do amor também exige interioridade, devoção, sacrifício, mas os define de maneira meramente humana. A devoção da interioridade consiste em: com qualquer sacrifício satisfazer a noção que a pessoa amada (o objeto) tem do que seja amor, ou senão, por conta e risco próprios, ousar decidir o que seja o amor. Mas entendido à maneira divina, o amar a si mesmo consiste em amar a Deus, e amar de verdade uma outra pessoa consiste em auxiliá-la a amar a Deus ou no amor a Deus. Aqui, portanto, a interioridade não está definida pela relação de amor, mas pela relação com Deus. A interioridade exigida é aqui a da abnegação ou renúncia de si, que não se define mais proximamente em relação com a noção do amor da pessoa amada (do objeto) mas sim em relação com auxiliar a pessoa amada a amar a Deus. Daí segue que a relação de amor, enquanto tal, pode constituir-se no sacrifício que é exigido. - A interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem exigir nenhuma recompensa. (KIERKEGAARD, 2005, p. 156).

A interioridade pode ser muito bem entendida no sentido estoico do cuidado de si, do orientar-se sobre si mesmo para expurgar mediante ações curativas a dor, a cólera, a mágoa, a vingança, o ódio. Porém, extrapola os estoicos porque essa interioridade da qual está sendo proposta por Kierkegaard adquire uma dimensão que envolve não só o próximo, porque ainda estaríamos no estoicismo, mas a dimensão de que na interioridade o tempo se dobra ao próprio tempo, instaurando no tempo, sem anular ou sufocar a temporalidade o eterno. Onde mora o eterno? Na interioridade do homem. Sem a presença do eterno em nós, sem



admitir a carência do absoluto, o homem é refém das piores das doenças e dos piores desesperos. Não tornar-se um eu. Remeto o ouvinte ao segundo capítulo da primeira parte de *O Pós-escrito* intitulado *A verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade* em que o mesmo encontrará material abundante para estudar a interioridade. No primeiro volume encontramos 28 essa categoria, e no volume II, o vocábulo interioridade aparece 162 vezes. A interioridade não pode ser comunicada. A interioridade enquanto verdade é um *pathos* onde a linguagem esbarra em sua própria limitação. Querer comunicar a interioridade é externalizar o que não quer e não pode ser externalizado. Quer saber o que é a interioridade? Entre em seu interior. Assuma a potencialidade da estrutura original que quer ser concretizada e aí você terá em si mesmo e a partir de si mesmo o testemunho da interioridade que não é fuga monástica, isolamento do mundo, mas inserção do mundo, inserção responsável e testemunha viva da própria interioridade.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS

Provocar, problematizar, desconstruir, oferecer a ocasião para que o leitor possa apropriar-se do material e construir seus próprios pensamentos e reflexões, talvez seja uma possibilidade de tornar a filosofia interessante e necessária em nossos dias. Não há condições em tempos tão sórdidos e sem caráter de pregar que a filosofia não tem utilidade não é necessária. Claro, que é uma possibilidade e uma vertente e precisa ser respeitada, porque o princípio básico do pensar é não se apropriar como dono da verdade do ato e dos frutos do pensamento. Porém, a filosofia sendo a mais prática de todas as áreas do saber e do fazer, enquanto, assumimos a filosofia como ética primeira (Lévinas, Kierkegaard). Pensar a doença como materialização do desequilíbrio dos fatores individuais e sociais é uma tentativa de oferecer ao leitor uma perspectiva de compreender tantas contradições e aberrações em nosso cotidiano. A doença como medo, mais também como covardia e



fanatismo; a doença como depressão que conduz ao suicídio e a dependência de vários psicoativos ou psicotrópicos que mantém o indivíduo completamente dopado e dependente, ausente de si mesmo e da tarefa de realizar-se ou edificar-se a si mesmo, entregue a entretenimentos fúteis e vazios, ocasionando um nada como conteúdo e, dessa forma, abertura para dominação mental de profetas da manipulação de massa e de fanatismo fascistas e totalitários. A doença física e mental, a doença individual e coletiva evidencia que o homem está perdido de si mesmo e em si mesmo. O paradigma é que o que se faz com esse tédio terrível que permite que o indivíduo negue a si mesmo para vestir-se da máscara de um zero, de um eterno zero, de mais um zero. Deixo como considerações inconclusivas, um parágrafo da *doença até a morte* que considero muito apropriado para que o leitor possa ignorar este artigo e construir suas próprias ponderações sobre o escrito.

A reflexão de quase toda a gente prende-se sempre às nossas pequenas diferenças, sem que naturalmente, se dê conta da nossa única necessidade, por isso nada percebem dessa indigência, dessa estreiteza, que é a perda do eu, perdido não porque se evapora no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero... [...] mas ao lado do desespero que às cegas se embrenha no infinito até à perda do eu, existe um de outra espécie, que se deixa como que frustrar do seu por por “outrem”. A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número confundido no rebanho. (1974, p.352)



REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KIERKEGAARD, Soren. A Doença Mortal O desespero Humano. São Paulo: Editora Abril – Os Pensadores, 1974.

_____. **Pós-Escrito Conclusivo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

_____. **O instante.** São Paulo: LiberArs 2019.

_____. **Enten-eller.** Milano: Adelphi Edizioni, 2001, 6ª edição.

ROSS, Jeremy. Zang Fu – Sistemas de órgãos e vísceras da Medicina Tradicional Chinesa. São Paulo: Rocca, 1994.

ZHEN JIU. Acupuntura e Terapias Holísticas (<http://zhenjiu.com.br>)